TEATRO

★ ★

do Romantismo aos nossos dias. CENTO

UCHON01635

uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

2.° volume

Carlos Selvagem

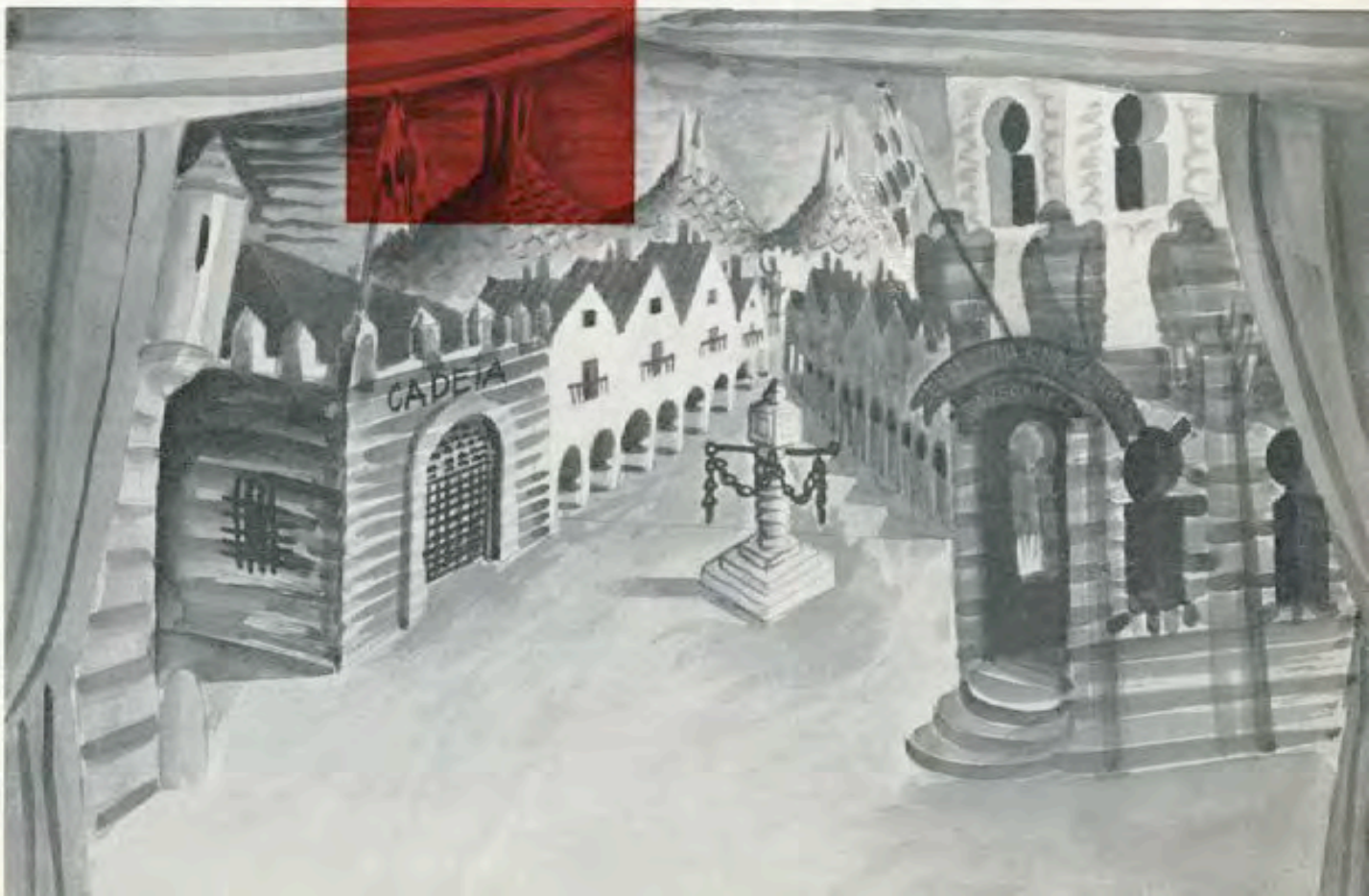
Carlos Selvagem (pseudónimo literário de Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos) nasceu em Lisboa, a 3 de agosto de 1890.

Obras principais: Teatro — Entre giestas, *drama rural em 3 actos (1917);* Ninho de águias, *comédia dramática em 3 actos (1920);* Calvagada nas nuvens, *episódio histórico num acto (1922);* O Herdeiro, *peça em 3 actos (1923);* Auspicioso enlace, *comédia em 3 actos, em colaboração com André Brun (1923);* Miragem, *peça em 4 actos (1925);* Charleston, *comédia em 3 actos, em colaboração com Luís de Oliveira Guimarães e João Correia de Oliveira (1929);* Telmo, o Aventureiro *(1937)* e A Encruzilhada *(1941), peças em 3 actos;* Dulcinéa ou a ultima aventura de D. Quixote, *farça heróica em 5 jornadas (1943);* Balada de Outono, *peça em um acto (1945);* Espada de fogo, *peça em 3 actos (1949);* Farça do amor, *comédia em 3 actos, em colaboração com Henrique Galvão (1951).*
Outras obras: Tropa de África *(1919);* Ave do Paraíso, *romance (1928);* Portugal Militar *(1941);* Império Ultramarino Português, *4 volumes, em colaboração com Henrique Galvão (1950-53);* Bonecos falantes e Papagaio real, *contos infantis.*

Na «Carta a um amigo» que serve de postfácio à edição em livro de Ninho de águias, *Carlos Selvagem dá-nos conta de ser esta peça (estreada em 1920) «a sua primeira concepção de dramaturgo», esboçada, sob o título de* A Voragem, *por altura dos seus vinte e um anos — embora só mais tarde, entre 1917 e 18, o autor lhe haja dado a sua forma definitiva. Entretanto, escreveu ele um episódio histórico em um acto* (Cavalgada nas nuvens, *que só em 1922 logrou realizar-se cènicamente), e umeses depois, num arranco de mais largo fôlego», o drama rural* Entre giestas *— «sua primeira peça apresentada ao público, em 1917.*
O facto de a respectiva acção se localizar «numa aldeia da Charneca, na Beira-Baixa», de as suas personagens firmemente se radicarem no solo a que a sua condição primitiva as mantém prisioneiras, de o conflito dramático se desenvolver em rigorosa articulação com a paisagem que o enquadra — só por erro óptico permitirá confundi-lo com os espécimes desse teatro regional que, na sequência do drama de Carlos Selvagem, e deturpando-lhe os propósitos, invadiram por longos anos os nossos palcos. É a paisagem social e humana que nele prevalece sobre os dados puramente geográficos, ou etnográficos, que lhe servem apenas de esteio. Como o próprio dramaturgo esclarece, «muito longe de se querer fazer mero teatro de feição regionalista, houve a intenção de dar, na crueza das suas tintas mais violentas, expressão dramática à instintiva luta dos sexos; e exclusivamente por isso se foi situar o drama e essa feição agónica do amor entre gente rude, instintiva, bárbara».
Entre giestas, *em cuja factura Carlos Selvagem trabalhou de junho de 1915 a julho de 1916, foi representado pela primeira vez no antigo Teatro República (ex-D. Amélia e actual Cinema S. Luís), a 14 de abril de 1917, sendo a seguinte a distribuição das suas personagens:* Clara, *Ângela Pinto (papel retomado ulteriormente por Amélia Rey-Colaço);* Augusta, *Bárbara Volkarth;* Maria Joaquina, *Beatriz Viana;* Amélia, *Ester Mendonça;* Rosária, *Laura Hirsch;* Maria do Carmo, *Carmen Marques;* Isabel, *Paz Rodrigues;* Ti'Jacinto Cravo, *Chaby Pinheiro;* Simão, *Tomás Vieira;* António, *Robles Monteiro;* Padre João, *Carlos de Oliveira;* Martinho Grave, *Teodoro Santos;* Miguel, *Jorge Grave;* João Duarte, *Francisco Judicibus;* Manuel, *João Gaspar;* Joaquim Filipe, *Francisco Sena;* Jerónimo, *Manuel Rocha;* e Lourenço, *Júlio Candeira.*

Carlos Selvagem

Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro numa cena de *Entre Giestas;* maqueta de Almada-Negreiros para *Dulcineia* (1943)



Carlos Selvagem

ENTRE GIESTAS

Personagens:

TI'JACINTO CRAVO, 63 anos, lavrador abastado.
SIMÃO GEADAS, 57 anos, pequeno lavrador.
ANTÓNIO GEADAS, seu filho, 25 anos.
TI'MARTINHO GRAVE, 42 anos, feitor de Jacinto.
O SR. VIGÁRIO, 56 anos.
MIGUEL MATEUS, 20 anos.
MANUEL, 39 anos, manajeiro.
JOAQUIM FILIPE, ganhão.
JERÓNIMO, moço de lavoura.
JOÃO DUARTE, moço de lavoura.
CLARA, 23 anos, jornaleira.
AUGUSTA DO CRAVO, 57 anos, mulher de Jacinto.
MARIA JOAQUINA, 22 anos, sua filha.
MARIA DO CARMO, 19 anos, criada de Jacinto.
ROSÁRIA, 27 anos, jornaleira.
AMÉLIA, jornaleira.
TI'JOANA DO CANTO, 32 anos, mulher do povo.
ISABEL e outras, 20, 21 anos, jornaleiras.

Uma aldeia da Charneca. Beira Baixa. Actualidade.

ACTO PRIMEIRO

Domingo à tarde, por fins de Julho, no terreiro da fonte. Um trecho de serra beiroa. Cerrado à esquerda por um velho muro de quinta, o terreiro é vasto, liso, tapizado de folhas secas e todo ensombrado pelas ramagens altas de duas sobreiras. A fonte é escavada em rocha viva, à base duma escarpa que sobe à direita em áspero declive, toda vestida de fetos silvestres, musgos, raízes, e se perde enfim sob as folhagens duma velha figueira, debruçada sobre a fonte. A bacia é tosca, de granito. A bica, uma telha de barro donde corre num murmúrio um doce fio de água. E lá dois bancos de pedra, esverdeados e toscos, ladeando a pedra da fonte. Um cruzeiro de granito, enegrecido e batido pelos ventos agrestes da serra, ergue-se, ao fundo, numa peanha de três degraus. Por detrás do cruzeiro passa um caminho velho, entre sebes e silvados em flor. Para além do caminho e das sebes desce a encosta, de que apenas se vêem franças de olivedos. E lá ao longe, nas tintas cambiantes do entardecer, esfumam-se e perdem-se em céus remotos de país montanhoso, cumeadas, lombas e cristas duma cordilheira. Quase sol-posto. O dia esmorece por detrás das serras. É a hora bendita em que os rebanhos descem dos montes, arrastando na aragem da tarde a melopeia lenta dos chocalhos.

(Um rancho alegre de raparigas, Clara, Maria Joaquina, Rosária, Amélia, Maria do Carmo, Isabel e outras, espalhadas pelos degraus do cruzeiro, pelos bancos da fonte, gozam o fresco da tarde domingueira, conversando e trincando pinhões e tremoços.)

ROSÁRIA *(dos degraus do cruzeiro):* Ah Maria do Carmo!... És que dês daí mais uns pinhões, cachopinha?...

MARIA DO CARMO *(do seu poiso, à borda da fonte):* Mal empregado tempo!... Vem cá buscá-los!

ROSÁRIA *(erguendo-se a custo):* Credo! Já vai pegando a moléstia da Clara!... Os bons costumes não nos tomais vós, diabos!

CLARA *(com arreganho):* É pra que saibas! Bem haja eu!... Quem quer criadas, paga-as!

AMÉLIA *(também do seu canto, implacável):* Não te calam nos parentes na lama, fidalga!... Ora não há! Vai o mundo roto!...

ROSÁRIA *(voltando ao seu poiso):* É o que faz... Ter namorado rico! Pasmado que seja!...

AMÉLIA *(num gesto de troça):* Ora!... Ganhe ele o pão e tenha focinho de cão — já minha avó o dizia!

(Mas a Ti'Joana do Canto entra da esquerda, com o cântaro à cabeça, direita à fonte.)

TI'JOANA *(saudando)*: Sejam lá com Deus, cachopas!

ISABEL, ROSÁRIA, CLARA, OUTRAS *(correspondendo)*: Viva lá, Ti'Joana! Bem haja!...

MARIA DO CARMO *(galhofeira)*: Também vem hoje bailar?!...

TI'JOANA *(enquanto o cântaro se enche debaixo da bica)*: Boa vai ela!... A minha dança agora é outra, venenos! É a canalha, agarrada às saias, a pedir-me a ceia!... Pra vós é que ela vai! Olá!... Bons tempos!... Bons tempos!... Agarrá-los!...

ISABEL: Ah Ti'Joana!... E esses diabos?... Onde estão eles?!...

TI'JOANA: Os cachopos!?... Pois, ao domingo, onde quereis vós encontrá-los?!... Ide à venda, à do Ti'Mateus!... Perdidos ou achados, lá os vereis!...

MARIA DO CARMO: Diabos os comam!... E nós aqui, derramadinhas...

TI'JOANA *(pondo o cântaro à cabeça, os braços em ânfora)*: Bem, raparigas! Divertí-vos!... *(E fazendo um passo para sair:)* Adeus!... O tempo é agora, antes de virem nos rebanhos de filhos!... Depois... Nem domingos, nem festas!...

AMÉLIA: Pois sim, Ti'Joana! Vá lá com Deus!...

OUTRAS *(também)*: Vá lá com Deus!...

CLARA *(ainda à Ti'Joana que vai já no caminho)*: E esses diabos que venham, Ti'Joana!... Diga-lho lá! Já dá o sol na serra...

TI'JOANA *(desaparecendo detrás dos silvados)*: Eu direi... Eu direi!... Descansai! *(E desaparece.)*

MARIA DO CARMO *(logo, num enfado)*: Mal hajam nas vendas, e mais o vinho!...

ISABEL: Até nisso a Clara tem sorte!...

CLARA: O meu proveito!... Foi por isso que escolhi!...

AMÉLIA *(logo, inexorável)*: Ai, a moça desembaraçada!... E então o Geadas? Quando falavas mais o Geadas?!... Era também por' mor disso?!...

CLARA *(com arreganho)*: São contas do meu rosário!... Não vos dê guerra!...

ROSÁRIA *(a Clara)*: Saiu-te o gado vespeiro, cachopinha!

AMÉLIA: Nada não!... Que o velho Simão já era que deixasse!...

CLARA: O pai não foi prá aí havido nem achado! Por isso, podeis-vos calar!...

ROSÁRIA *(com intenção)*: O Geadas!... Um cachopo solteiro, com tão boa legítima!...

AMÉLIA: E bem parecido, desenxovalhado... Belo moço!...

ROSÁRIA *(ainda a Clara)*: Pra outro destino o talharam, cachopinha! *(A Maria Joaquina, com malícia:)* Pois sim, Maria Joaquina?!...

MARIA JOAQUINA *(numa secura)*: Vós que o dizeis...!

ISABEL *(a Clara)*: Mas deixa, mulher!... Nada perdeste! O Miguel Mateus não fica atrás em nada ao Geadas!...

ROSÁRIA *(num exagero)*: Ai, a comparação!...

ISABEL *(ainda a Clara, com sinceridade)*: Vai ser uma arregaçada de bens, que nada te há-de faltar!... Boa desforra tiraste!...

AMÉLIA *(com despeito)*: É um pasmado! Um nanho!...

CLARA: É um cachopo de bons sentimentos!... É um homem honrado!... Sabeis?!...

ROSÁRIA: O sonso!...

CLARA *(ainda)*: Mais mal ou mais bem, acareia a sua vida e trata da sua casa!... Que sempre os tenha, esses defeitos!...

AMÉLIA: O Geadas é outra loiça!...

ISABEL: Por armar as brigas em toda a parte?!... Jesus!

CLARA: Que lhe façam bom proveito os desembaraços!...

ROSÁRIA: Um homem quer-se valente! E o Geadas não no fica a dever a ninguém, de brioso!

AMÉLIA: E zomba sempre dos mais!... Aquela vez da Senhora do Valverde que até os cabos de polícia andaram...

CLARA *(num desprezo)*: Um valente!... Um farromba!... Até que venha um que zombe dele! Um dia lhe darão pelas ventas as valentias!...

ISABEL: Dizes bem, cachopa! O teu Miguel, com ser somenos, há-de fazer mais feliz aquela que o levar! E vais passar vida regalada, por modos! Vais ser mais rica ainda que o Geadas! Dá-lhes com esta!...

ROSÁRIA *(dum modo enigmático)*: E daí... Não me doa a mim a cabeça! Quem sabe ainda o que será?!...

AMÉLIA: Agora, de mais a mais que vai para soldado!... Sabe Deus...!

(Mas surgindo à esquerda, por detrás do muro, em ar de passeio, o Sr. Vigário e o Ti'Martinho passam, pachorrentamente, no caminho ao fundo.)

AS RAPARIGAS *(erguendo-se, saudando com respeito)*: Deus lhe dê muito boas tardes, Sr. Vigário!...

SR. VIGÁRIO: Adeus, raparigas! Boas tardes!...

TI'MARTINHO *(também):* Olá, cachopas! Boas tardes!...

(E desaparecem ambos, no caminho.)

MARIA DO CARMO *(logo):* Olhai, diabos!... Se ele nos pilha a falazar, a falazar, como há pedaço!...

AMÉLIA *(abespinhada):* E então?!... Que mal havia?!... Não chocalhamos a vida a ninguém, por modos!...

CLARA: Ai! Seja pelas santíssimas chagas!... A heresia!...

ISABEL *(ainda):* Ele vos cantaria o responso!...

(E há um silêncio.)

ROSÁRIA *(depois):* Credo, Senhor!... Prà aquele, também, não há quem mereça o Céu! Cada sermão!... Cada responso!... Até uma pessoa desespera da salvação!...

AMÉLIA *(num gesto vago):* São ideias... Estes padres novos...!

ROSÁRIA *(numa reminiscência):* Vós inda sois que vos lembre o Vigário Velho?!...

MARIA DO CARMO: Ouvi-o dizer...

ROSÁRIA: Éreis ainda cachopelhas quando ele foi a enterrar!... *(Numa saudade:)* Aquele, sim! Santo velhinho ele era!... Coitado! Diziam que tinha poucos estudos, que tinha andado na guerra do D. Miguel... Mas antes a gente se queria com ele!... Umas maneiras tão lindas... Um modo assim de falar à gente!... O Céu era para os pobrezinhos!... E nem era que ralhasse, que se arrenegasse nunca! Tudo era dar, dar, aquelas mãos largas!... Ainda me lembro dele à doutrina, para a comunhão. Éreis ainda cachopelhas quando ele morreu!...

ISABEL *(numa saudade, ainda):* Já não há desses, agora!...

(Mas o Miguel Mateus, do caminho interrompe-as com a saudação.)

MIGUEL: Eh lá, cachopas!... Boas tardes! Boas tardes! *(E desce ao terreiro.)*

MARIA DO CARMO e OUTRAS: Viva, Ti'Miguel!... Bem haja! Salve-o Deus!...

AMÉLIA *(logo irònicamente):* Ah cachopo! cachopo!... Que tens o coração duro!...

MIGUEL: De quê?!...

AMÉLIA: De que sim!... A Clara aí numa ânsia, há tanto tempo!...

MIGUEL: Aí!... Ela bem sabe que eu não lhe abalo. O meu coração é constante!... Ora sim, Clara?!...

CLARA *(num enfado):* Deixa-as falar, homem! Eram elas... Elas que deram aí a atirar-nos como Santiago aos mouros!... Se as tiveras ouvido!...

MIGUEL: E o que diziam?!...

CLARA: Doideiras! Que mais havia de ser?!...

MIGUEL: E tu prestaste-lhes ouvidos, por modos?

CLARA *(excitada):* Entraram-me a um ouvido e saíram-me ao outro! Sabes?! — É o que vale!

MIGUEL *(num ar escarninho, a todos em geral):* O que vos afronta, cachopinhas, sei eu! Nem disfarçar sabeis!... Mas olhai, demonicos, que nunca o invejoso medrou...

AMÉLIA *(excitada):* Ora não há!... Inveja de quem?! Inveja de quem?

MIGUEL: Inveja, pois! Inveja da Clara!... Inveja de quem é a mais linda rosa...

ROSÁRIA *(sombeteira):* Aí, Senhora do Carmo! Que lá se baba a cachopa!...

CLARA: Cala-te aí, doido, com essas cantigas!...

MIGUEL *(ainda):* ...E vós, sapos ruins, heis-de andar sempre na miséria, ou ir à cova de véu branco e palmito, mais encouchadas e engelhadas que uma cortiça velha!...

AMÉLIA *(numa crispação de azedume):* Eh cachopas! Não quereis lá ver o tropeço?!...

ROSÁRIA: Pois quem lhe há-de gabar a noiva?!... *(E à guisa de comentário, começa cantando numa toada arrastada e melancólica:)*

«Rapariga tola, tola»

AS OUTRAS *(em coro com Rosária, na mesma toada):*

«Rapariga tola, tola,
Olha o que tu vais fazer
Oh, és tão linda!
Olha o que tu vais fazer...»

MIGUEL *(entretanto, dominando a cantiga com a sua voz):* Cantai!... Cantai!... Logo haveis de bailar... Ao dia da nossa boda!... Quando a Clara for minha!... Desafogai agora as penachas, ao menos!...

AS RAPARIGAS *(continuando a cantiga):*

«Vais casar com um soldado
Vais casar com um soldado
Mais te valera morrer!
Oh, és tão linda!
Inda t'hás-de arrepender!»

MIGUEL *(mais excitado ainda, entretanto):* Soldado?!... Se for!... E não há-de ser toda a vida, queira Deus!... Oh! Oh!... E depois, cachopas, quando eu tornar à minha liberdade, hão-de ser minhas ainda... as minhas tapadas, as minhas hortas, e toda a minha fazenda!... Que é o que vos afronta!...

CLARA *(enervada):* Mas não te amofines, homem! Deixa-as falar!...

MIGUEL: E só pr'mor disso, Clara, se eu ficar livre agora às sortes, hei-de arreceber-te ainda mais cedo...

ÍNDICE

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII

Introdução IX

1. *Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa* XIII
2. *Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett* XV
3. *Garrett e a restauração do teatro português* XVI
4. *Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia* Catão *e a geração liberal de 1820 — O exílio* XVII
5. *O* Auto de Gil-Vicente, *início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o* Frei Luís de Sousa *— As últimas peças de Garrett* XIX
6. *O equívoco do teatro histórico ultra-romântico* XXI
7. *O melodrama histórico da década de 1839-50* XXIII
8. *O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo* XXVIII
9. *A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo* XXXII
10. *A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro* XXXIII
11. *Outros encontros da «geração de 70» com o teatro* XXXVII
12. *Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português* XXXIX
13. *Revivescência do teatro histórico — A* Pátria *de Junqueiro* XLI
14. *O realismo dos* Velhos *de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas* XLV
15. *Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista* XLVII

16. *O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes* XLVIII
17. *O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira* L
18. *Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão* LIII
19. *Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício* LIV
20. *Situação do teatro português entre 1918 e 26* LVI
21. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional* LVIII
22. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: A sátira de costumes* LIX
23. *O teatro de Alfredo Cortez* LXII
24. *A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro* LXIII
25. *O teatro português na década de 30* LXV
26. *O modernismo no teatro português* LXVIII
27. *O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental* LXXII
28. *Situação actual do teatro português* LXXIII
29. *O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos* LXXVIII
30. *Conclusão* LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente 1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre 21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa 53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflor 71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar 105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema 121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha 143
Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã 171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre 189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços 217
Fernando Pessoa: O Marinheiro 275
Vitoriano Braga: Octávio 283
Carlos Selvagem: Entre Giestas 303
António Patrício: D. João e a Máscara 341
Ramada Curto: O homem que se arranjou 371
Raul Brandão: O Avejão 397
António Botto: Alfama 403
Alfredo Cortez: Gladiadores 427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traiçoeiro 449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos 473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente 493

Alves Redol: Maria Emília 519
Branquinho da Fonseca: Curva do Céu 529
José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe 535
Almada Negreiros: Antes de começar 559
João Pedro de Andrade: Continuação da comédia 567
Jorge de Sena: Amparo de Mãe 575
Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte 581
Bernardo Santareno: A Promessa 597
Costa Ferreira: Um homem só 623

Nota Final
Nota Bibliográfica
Índice dos Nomes Citados no Prefácio

Principais Correcções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	includo	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, *episódios em 1 acto* (1902); O Rei Maldito, *peça histórica em 5 actos*, e A Noite do Calvário
121	31	*solicitados, por*	*solicitados por*
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade *(1953)*	Voz da cidade *(1952)*
427	7	*Henri Josset*	*André Josset*
575	17	*causa*	*acusa*
575	18-19	*épocas «ad libitum», permutáveis*	*épocas, «ad libitum» permutáveis*
581	22	*(1960)*	*(1961)*
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.